

CELORICO DE BASTO (Veade)

Veade é uma freguesia do concelho de Celorico de Basto, distrito de Braga e a igreja de Santa Maria dista cerca de 5,5 km da sede de concelho. Sair de Celorico em direção à estrada N101-4 e 2 km à frente virar à esquerda para a estrada N210. Mais à frente virar à direita para a rua de Nossa Senhora das Candeias e seguir durante 2 km, depois fazer uma curva acentuada à esquerda. A igreja localiza-se à frente.

Esta freguesia está localizada na margem direita do rio Tâmega entre Fermil e Mondim de Basto. O enquadramento da igreja de Santa Maria é rural, isolado, em terreno desnivelado, rodeado de campos de cultivo e de habitações rurais, e nas proximidades do ribeiro de Veade.

A ocupação humana desta freguesia data de épocas pré-romanas. Na época medieval, Veade seria de D. Gueda Gomes, primeiro Guedeão. O senhorio local da freguesia, estava assim, na estirpe dos Guedeãos, ricos-homens de Basto, referidos nas inquirições de 1258 como detentores da terra desde há muito. A antiga freguesia de Santa Maria de Veade era comenda da Ordem de Malta, associada à de Moura Morta e à da Faia. Mais tarde foi reitoria da arquidiocese de Braga.

A sul do adro da igreja existem duas caixas de sepulturas românicas, que hoje assumem funções de reservatório de água. Já Francisco Craesbeck, em 1726, referira-se a estas campas, sem letreiros, apenas "com o sinal de Malta, que mostra terem sido dos parochos ou comendadores antigos que ali fossem sepultados".

Igreja de Santa Maria

A IGREJA DE SANTA MARIA DE VEADE foi edificada no século XIII e revela um grande aparato para um edifício dessa época. Foi provavelmente erguida sobre uma ermida existente em propriedade particular, mais tarde associada à família dos Guedeãos. A inscrição gravada num silhar de granito, embutido na parede lateral norte da nave da igreja, junto ao portal do lado esquerdo, parece revelar tal ligação:

SUB : Era : M^a : C^a 2 : X^a : VII^a / OBIT : FAMULA : DEI /
MIONA : DOLDIA : GOMEZ

Segundo Mário Barroca, trata-se da inscrição funerária de D. Dórdia Gomes, falecida em 1159. Pelo tratamento deferido, *Miona*, deveria tratar-se de uma pessoa de elevada condição social, pois essa expressão, derivada de *mea domina*, era apenas utilizada para um grupo muito restrito de ricas-donas, dos séculos XII ou XIII, frequentemente envolvidas na fundação de casas monásticas. Pela região da inscrição, Mário Barroca sugere que D. Dórdia seria da família dos Guedeãos. Tendo falecido em 1159, é possível que esta senhora estivesse relacionada com as origens do templo, referido nas inquirições de 1220. Segundo as

Inquirições de 1220, em *Sancta Maria de Biadi* o rei não detinha nenhuma propriedade, mas recebia alguns foros. Também não era o patrono da igreja. A igreja de Veade tinha 11 casais, umas searas e uma granja.

Nas inquirições posteriores, realizadas em 1258 no reinado de D. Afonso III, é referido o nome de D. Dórdia

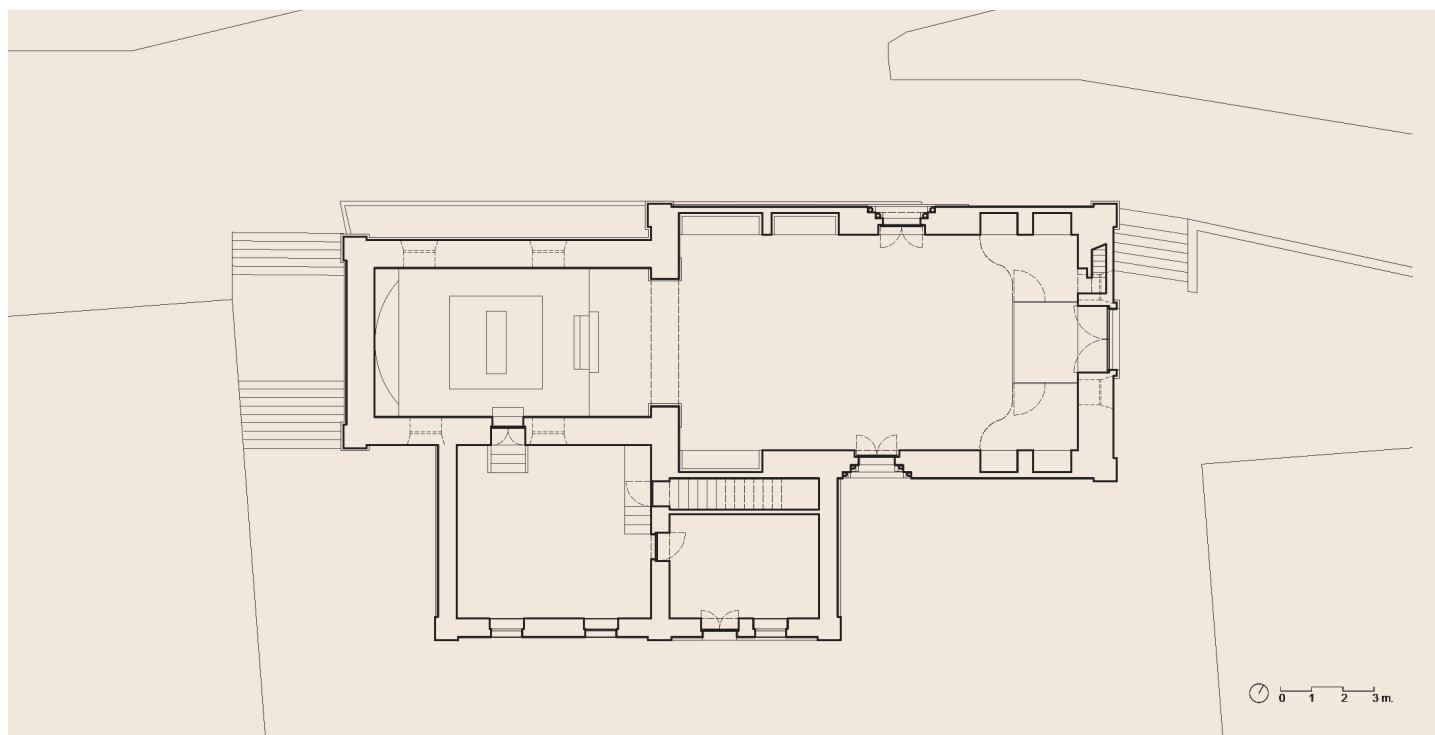
Alçado sul. Inscrição funerária de D. Dórdia Gomes





Perspetiva aérea a partir de sudoeste

Planta





Alçado norte

Peres de Aguiar, conhecida por ser mãe de D. Paio Peres Correia, mestre da Ordem de Santiago, e que era descendente da linhagem dos Guedeãos. Também desta família terá sido o cônego Gomes Alvites, referido nessas inquirições como tendo vendido a igreja e todos os casais à Ordem do Hospital, detentora, à data das Inquirições, da referida igreja e respetivo património (27 casais). Um dos inquiridos refere que ouvira dizer que esses casais foram de cavaleiro e o território fora sempre honrado. Estas inquirições referem-se ao *monasterium de Biadi*, na inquirição à paróquia de Santo André de Molares, o que pode ser interpretado não como sendo um mosteiro tradicional, mas provavelmente por tratar-se de uma igreja dos Hospitalários e pelo elevado número de bens que detinha nas freguesias.

A igreja de Santa Maria de Veade não aparece no Catálogo das igrejas, mosteiros e comendas do Reino, mandado fazer por D. Dinis em 1320, provavelmente por ser igreja da Ordem de São João do Hospital. Segundo a bula de João XXII, D. Dinis não poderia usufruir da décima das rendas eclesiásticas das igrejas, comendas e benefícios

desta Ordem Militar pois os professores dela ocupavam-se continuamente na luta contra o infiel.

Em meados do século XVI, João de Barros refere-se à comenda de *Biade*, nestes termos "E neste vale [do Bouro] está a comenda de Biade que he de São João de Rhodes que foi já mosteiro em outro tempo de monges e segundo a imformação que tenho creio que os primeiros que ordenarão de tirar os monges a alguns destes mosteiros forão os Templarios a que forão dotados para seu sustentamento, e elles não contentes do que lhes derão quizerão mais, e por isso perderão tudo no tempo do Papa Clemente quinto, cuja historia he vulgar". Este autor critica a soberba dos Templários que, segundo ele, fora a causa da supressão da Ordem, em 1312, no tempo de Clemente V.

A igreja de Veade compõe-se de nave única, com fachada principal voltada a este, quebrando assim o cânone da orientação das igrejas da época românica. Aqui em Veade esta realidade é facilmente explicável, conforme assinala inscrição de 1732 que o comendador Martim Álvaro mandou gravar sobre o pórtico da igreja de Veade. Maria Leonor Botelho e Nuno Resende, em estudo sobre



Portal norte

esta igreja nas épocas medieval e moderna puderam comprovar que por esta ocasião as obras realizadas ampliaram a igreja como obrigaram ao seu reposicionamento por força da exiguidade do espaço disponível na sua envolvente, onde tinham sido já edificadas as Casas da Comenda em 1641. Foi precisamente para estas Casas que se procurou virar a fachada principal da igreja mantendo-se, contudo, o eixo original da igreja. A história linhagística e comendatária de Veade concorre para a edificação de uma igreja mais aparatosa e monumental, materializadora do poder enfiteutico e fiduciário daqueles que detém o seu padroado, confirmando o seu prestígio e poder.

A cabeceira, retangular e caracteristicamente barroca, ergue-se assim a oeste, fruto do acréscimo de 1732 e por força da reorientação da igreja. Assim, destinava-se esta nova estrutura a acolher um grande e aparatoso retábulo-mor barroco.

Da época românica, conservam-se assim significantes trechos de paramento pseudo-isódomo nos alçados



Portal norte. Pormenor

laterais da igreja. A sua conservação poder-se-á dever à qualidade estrutural e plástica dos elementos remanescentes, como também por uma questão de legitimação da antiguidade do templo e sua ligação a velhas linhagens, conforme comprova a inscrição funerária de D. Dórdia Gomes gravada num silhar de granito, embutido na parede lateral norte da nave da igreja, junto ao portal do lado esquerdo. A inscrição convoca a data 1159 como a da sua morte.

O alçado norte é aquele que melhor permite uma observação dos paramentos românicos remanescentes, já que a sul se adossam várias estruturas que acolhem a sacristia ou o salão paroquial. Segundo proposta de Maria Leonor Botelho e Nuno Resende, uma análise atenta do alçado norte da nave permite identificar, através de um ressalto ao nível do paramento e da própria cornija onde se encontraria implantada a fachada primitiva. O aparelho irregular, ao nível da forma e da pigmentação que se identifica entre o portal lateral e o cunhal nordeste da igreja propõem aos autores o reaproveitamento de silhares da fábrica primitiva



Alçado sul



*Portal sul.
Pormenor*

feito por forma a permitir ampliar a igreja para este e assim edificar a nova fachada principal. Este tipo de leitura é difícil de realizar no lado sul. No alçado norte, na nave, a cachorrada apresenta alguns elementos esculpidos junto da fachada este, ou seja, junto da primitiva cabeceira. Apesar do desgaste evidente, adivinhamos focinhos de animais e identificamos alguns motivos geometrizarantes. No alçado sul os cachorros são tendencialmente lisos. Em ambos os lados, nos trechos de paramento românico, vemos uma cornija que se apresenta ornada com um motivo que se assemelha aos círculos encadeados.

O portal lateral norte apresenta-se hoje com alguns particularismos por força da intervenção realizada em 1732. Em primeiro lugar, destaque-se o seu alteamento relativamente ao pavimento exterior. A diferença de pigmentação mostra que a estrada rasgada junto ao edifício, confinante com este, criou uma nova estratigrafia, rebaixada relativamente à primitiva. Cerca de cinco fiadas, correspondentes à primitiva fundação da igreja, criam um embasamento entre o portal e o nível do pavimento exterior da igreja, fazendo assim com que este deixasse de

cumprir a função para que foi criado. Além disso, Carlos Alberto Ferreira de Almeida deu nota de que este portal estaria entaipado até meados do século XX, tendo sido então descoberto por ocasião de uma intervenção realizada na igreja de Veade. Apesar da inegável qualidade dos elementos plásticos que o enformam, é evidente algum desacerto ao nível do encaixe das várias peças que dão forma a este portal, pelo que Maria Leonor Botelho e Nuno Resende defendem que tenha sido algo mexido. Rasgado na espessura do paramento murário, a espessura do portal é criada pela existência de duas arquivoltas plenas sustentadas por duas colunas. A interna, tendo em conta a coloração do granito, pode não ser a sua primitiva. O facto de as aduelas serem lisas e relativamente bem facetadas concorrem para pensarmos que esta arquivolta possa resultar do arranjo feito na intervenção dos primeiros anos do século XVIII. Já a arquivolta exterior, muito ornamentada, mostra uma plástica característica da época românica. No extradorso das aduelas, uma composição definida por escócias ornadas com esferas, tema comum à região e que se vê repetido na geograficamente próxima igreja do mosteiro de Salvador

Interior. Perspetiva da nave a partir da abside



Núcleo Museológico de Arqueologia (Celorico de Basto). Peças avulsas da primitiva fábrica românica



de Ribas. As escócias são separadas entre si por duplo toro e delimitadas no exterior por um friso com motivos encordoados e no interior por pequenas flores estilizadas que se repetem no intradorso da aduela. A sua face interna mostra motivos vegetalistas e fitomórficos relevados e, na que se encontra imediatamente à esquerda do fecho da arquivolta, aprecia-se uma cruz patada. O portal não tem impostas. Os autores acima referidos identificam no Núcleo Museológico da Biblioteca de Celorico, em exposição, uma aduela que repete esta mesma composição. Embora bastante deteriorados pela ação do tempo, os capitéis e as bases deste portal confirmam a Maria Leonor Botelho e a Nuno Resende que estamos diante de uma oficina de carácter regional que interpretou formas eruditas – há aqui uma evidente aproximação compositiva (mas não temática) com alguns dos motivos do portal principal de Santa Maria de Pombeiro –, e as adequou à escala local.

Confrontante, o portal sul apresenta uma organização idêntica: rasga-se na espessura do muro, compõe-se de duas arquivoltas, praticamente lisas e de volta perfeita, assentes em colunas cilíndricas e prismáticas. Contudo, se no portal norte não há imposta, no do lado sul este elemento assume um lugar particularmente interessante. Aqui representam-se figuras híbridas bem esculpidas e que mostram o seu rosto, ao modo de mascarões, no ângulo. Sobre elas, sereias de dupla cauda ornaram as primeiras aduelas de cada uma das duas arquivoltas. O programa escultórico continua nos capitéis bem esculpidos. O seu relevo é algo túrgido na representação da temática vegetalista e fitomórfica, sugerindo aqui composições semelhantes às dos capitéis do arco triunfal da igreja do Salvador de Fervença (Celorico de Basto). Este aspeto poder-nos-á apontar a existência de um estaleiro ativo e atuante em ambas as igrejas? Estaremos diante da persistência de modelos que

circulam e se afirmam pelo seu significado e pela sua própria plasticidade? No capitel interior do lado direito vemos animais afrontados na esquina do cesto. A plástica escultórica estende-se ainda ao arranjo das próprias bases das colunas, concorrendo assim para a nobilitação do conjunto. Contrastando, o tímpano é liso, compondo-se de duas peças. Poderá ser fruto da intervenção de 1732?

Próximo do portal, junto à fachada este, vemos a cicatriz daquilo que poderão ter sido arcossólios ou arcos com outra função. Tendemos mais para esta hipótese pois a conservação da epígrafe funerária no lado norte comprova uma preocupação com a legitimação da antiguidade do templo e da sua sacralidade. Este mesmo princípio justificaria a conservação de estruturas tumulares em arcossólios.

O interior da igreja foi profundamente transformado aquando da ampliação de 1732, conforme atestam, em meados do século XVIII, as Memórias Paroquiais onde se regista que a igreja tinha quatro altares. O seu relator refere-se também à epígrafe "esculpida em huma pedra em letra gothica", mas não a transcreve.

Atendendo aos vestígios remanescentes, estamos diante de um exemplar cuja fábrica românica se destacava pela sua qualidade. Para Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Veade constituiu um característico testemunho de românico tardio e de um excelente exemplo de como se afirma uma oficina regional de decoração românica, já plenamente assumida, e à qual se deve a melhor escultura de então: Pombeiro (Felgueiras), Ferreira (Ferreira), Unhão (Felgueiras), Travanca (Amarante), etc.

A qualidade dos elementos decorativos românicos é enfatizada na única descrição, apesar de lacónica, que possuímos do edifício medieval, e que nos apresenta Craesbeeck, descrevendo-a como igreja *muito antiga, como se vê do arco da capella mor, de obra de pedraria muito singular; e o mesmo mostra o da porta principal e das duas travessas da dita igreja; be du-ma só nave e não grande*. Craesbeeck descreve esta igreja de Veade em 1726, ou seja, seis anos antes das obras que a iriam transformar definitivamente.

Desta fábrica identificam-se várias peças avulsas. Algumas delas expõem-se na sacristia da própria igreja. Outras estão no Núcleo Museológico de Arqueologia, espaço contíguo à Biblioteca Municipal de Celorico de Basto Prof. Marcelo Rebelo de Sousa. Maria Leonor Botelho e Nuno Resende identificam aduelas, parcelas de frisos enxaquetados ou de capitéis, que em parte repetem motivos que se apreciam nos portais laterais. Acrescentam-se temas comuns à região, dos quais destacaram o capitel que representa o tema Daniel na Cova dos Leões, também presente em Travanca (Amarante) ou em São Martinho de Mouros (Resende). Como se sabe é no românico irradiado a partir da sé de Braga que encontramos a origem desta representação e que se veio a tornar comum no românico das bacias dos rios Tâmega e Douro. Por esta razão, os referidos autores concordam com Carlos Alberto Ferreira de Almeida quando data os elementos românicos conservados de inícios ou da primeira metade do século XIII. Tal proposta parece ser confirmada pela origem bracarense do cónego Gomes Alvites, seguramente parente de D. Dórdia Gomes, e que antes de 1258 vendera esta igreja, com seus casais, à Ordem do Hospital.

A igreja de Veade integra desde 2010 a Rota do Românico.

Texto: MLB/JL - Fotos: RR/MLB - Plano: MF/MS (sobre RR)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, p. 279; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 102 e 124; ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 90; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 103 (de 1159); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 121 (de 1159); BARROS, J., 2019, pp. 221 e 318; CRAESBEECK, F.X.S., 1992, I, pp. 348-350; COSTA, A., 1929-49, XII, p. 283; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 146; COSTA, P.P., 2000, p. 114; GEPIB, 1935-60, XXXIV, pp. 392-393; MEM. PAROQ. 1758 (2003), pp. 252-254; PMH, INQ., pp. 50, 134, 194, 243 (de 1220) e p. 653 (de 1258); ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014a, pp. 309-330; SIPA; SOTTO-MAYOR-PIZARRO, J.A., 2015a, pp. 62, 65 e 78; ROTA DO ROMÂNICO.